

REVISÃO DA PROPOSTA EVOLUTIVA DA PROVÍNCIA AURÍFERA JURUENA-TELES PIRES À LUZ DE NOVOS DADOS LITOQUÍMICOS E GEOCRONOLÓGICOS

Maria da Glória Silva (1); Maisa Bastos Abram (2); Antonio Augusto Soares Frasca (3).

(1) CPRM/UFBA; (2) CPRM; (3) CPRM.

Resumo: A Província Aurífera Juruena-Teles Pires (PAJTP), também conhecida como Província Aurífera de Alta Floresta, localiza-se no estado de Mato Grosso, porção sul do Cráton Amazonas, abrangendo uma área de cerca de 72.000 km². De acordo com a mais recente proposição de compartimentação geocronológica-geotectônica do craton Amazonas (Santos *et al.*, 2006), esta Província engloba as faixas Tapajós-Parima (2,03 a 1,88 Ga) e Rondônia-Juruena (1,82 a 1,54 Ga).

O conhecimento atual sobre a PAJTP baseia-se em nos trabalhos realizados pela CPRM (Projeto Alta Floresta), trabalhos acadêmicos e relatórios de empresas que trabalharam na área. Recentemente, a CPRM executou um trabalho de cunho essencialmente metalogenético na área (Projeto Metalogenia da Província Aurífera Juruena-Teles Pires), no qual foram obtidos novos dados litoquímicos e geocronológicos, que contribuíram para uma melhor compreensão dos processos evolutivos. Foram obtidas novas idades U-Pb em zircão, por LA-ICPMS, das Suítes Intrusivas Teles Pires e Nova Canaã, da unidade Granito Apiacás, das suítes Colíder, Paranaíta e Juruena e da unidade Granito Nhandu. Dentre essas, apenas as unidades Granito Apiacás e Granito Nhandu não haviam sido anteriormente datadas.

A reavaliação dos dados históricos, somados aos novos dados, permite a proposição da seguinte seqüência evolutiva para a área: (i) geração de um conjunto de rochas riacianas (Complexo Bacaeri-Mogno), com idade 2,24 Ga (isócrona Sm-Nd), geradas num provável contexto de tectônica extensional (bacia de retro-arco?); (ii) a geração, no Orosiriano, dos arcos magmáticos Cuiú-Cuiú e Juruena, este último estendendo-se ao Estateriano. A ambos pertencem as suítes intrusivas e vulcano-plutônicas presentes na área, geradas a partir de magmas calcio-alcálicos de margem continental ativa, com exceção das unidades Alcalinas Rio Cristalino (magmatismo alcalino) e Granito Apiacás (fusão crustal). A unidade Granito Nhandu, antes admitida como tendo cerca de 1.8 Ga e pertencente ao arco Juruena, revelou idade 1.879±5 Ma (U-Pb zircão por LA-ICPMS), passando a fazer parte do Arco Cuiú-Cuiú. Os leucogranitos da unidade Granito Apiacás forneceram uma idade de cristalização estateriana (1.784±32 Ma) e uma idade mais antiga (1871±21 Ma), obtida de zircões herdados; (iii) existência de provável fenômeno de delaminação crustal, com conseqüente geração magmatismo toleítico intra-placa continental, correspondente às rochas da unidade Flor da Serra. A esse fenômeno está sendo também atribuído a granulitização das unidades Vitória e São Pedro, antes individualizado na unidade Nova Monte Verde, a qual deixou de existir; (iv) geração de uma bacia (intra-arco?) na qual foi gerada a seqüência vulcano-sedimentar do Grupo São Marcelo Cabeça; (v) fechamento do orógeno, acompanhado de deformação progressiva, com a geração de mega estruturas de cisalhamento, transcorrentes; (vi) geração das unidades Suite Nova Canaã e Granito Teles Pires, numa fase tardia (pós deformação) de evolução do orógeno.

Por fim, a obtenção de um conjunto de idades Ar-Ar, em micas (sericitas e biotitas) desenvolvidas nos planos de estruturas dúcteis-rúpteis e dúcteis, reativadas, revelou idades no espectro de 1511 a 1250 Ma, que apontam para um fenômeno de rejuvenescimento isotópico da área, face aos efeitos tectonotermiais da orogenia Sunsás.

Palavras-chave: juruena; geocrono; mato grosso.